

AS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO CLÍNICO NA PERSPECTIVA DE ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA

CLINICAL TRAINING EXPERIENCES FROM THE PERSPECTIVE OF PSYCHOLOGY STUDENTS

Claudia Daiana Borges¹

Rosina Forteski Glidden²

Bruna Bisewski³

Caio Fernando Zimmermann Corrêa⁴

Crisley Fabiane Zastrow⁵

RESUMO

O estágio clínico constitui um importante elemento da formação acadêmica do aluno de Psicologia para o futuro exercício da profissão. Conhecer a experiência do estudante neste processo e sua relação com a supervisão é relevante para compreender sua formação. O objetivo deste estudo foi compreender as experiências de acadêmicos de Psicologia sobre o estágio clínico em dois Serviços-Escola de Psicologia do Sul do país. Participaram desta pesquisa 14 estagiários, sendo sete de uma Instituição de Ensino Superior pública e sete de uma privada. O instrumento utilizado foi um questionário semiestruturado de autoaplicação individual. Para a análise de dados foi utilizada a análise de conteúdo. Os resultados mostraram que a experiência do estágio clínico representava um desafio e era marcada pelo sentimento de insegurança, especialmente nos primeiros atendimentos. O relato dos participantes revelou ainda dificuldades para estabelecer vínculo com o usuário, conduzir a sessão e intervir. Neste cenário, a supervisão foi destacada como fator fundamental na preparação e no suporte aos estagiários para o atendimento clínico. Os dados levantados são importantes para pensar a formação em Psicologia, especialmente no que se refere à preparação do aluno para uma futura atuação profissional no contexto da clínica.

PALAVRAS-CHAVE: Formação; psicologia; estágio clínico; supervisão.

ABSTRACT

Clinical training constitutes an important element in the educational development of the psychology student for the future practice of the profession. Knowing the experience of the student in this process and their relationship with supervision is relevant to comprehending their education. The objective of this study was to understand the experiences of Psychology students with respect to their clinical training in two Psychology Service schools in Southern Brazil. 14 students/trainees participated in this study with 7 being from a public institution of higher education and 7 from a private one. The instrument used was an individual self-applied semistructured questionnaire. Content analysis was used for the data analysis. The results showed that the clinical training experience represented a challenge and was marked by a feeling of insecurity, especially in the first consultations. The participants' report also revealed difficulties in establishing a bond with the user, conducting the session, and intervening. In this

¹ Docente do Departamento de Psicologia (Uniasselvi-Fameg e Unisociesc) e Doutoranda em Psicologia (UFSC)

² Docente do Departamento de Psicologia (Uniasselvi-Fameg) e Doutoranda em Educação (UFPR)

³ Acadêmica do curso de Psicologia (Uniasselvi-Fameg)

⁴ Acadêmico do curso de Psicologia (Uniasselvi-Fameg)

⁵ Psicóloga (Uniasselvi-Fameg)

scenario, supervision was highlighted as a fundamental factor in the preparation and support of the trainees for clinical care. The data collected are important in thinking about Psychology education, especially regarding the preparation of a student for future professional practice in the context of a clinic.

KEYWORDS: Psychology Education; psychology; clinical training; supervision.

INTRODUÇÃO

Os temas relacionados aos estágios de Psicologia, assim como as atividades desenvolvidas nos Serviços-Escola (SEs) de Psicologia, têm sido assunto de grandes debates e discussões no âmbito do Conselho Federal de Psicologia (CFP), especificamente no ano de 2018, considerado o ano da formação do psicólogo (CFP, 2018). O estágio representa um elemento essencial na formação do psicólogo, é nele que o acadêmico tem a oportunidade de aplicar e vivenciar na prática o que aprendeu na teoria (CELLA; SEHNEM, 2017).

Com o estágio clínico o aluno vivencia experiências de atendimento e de supervisão que contribuem para a construção de sua identidade profissional (SÁ; JUNIOR; LEITE, 2010). O estágio clínico desenvolvido no SE, e a preparação que o envolve, permite que o aluno desenvolva competências relacionadas à escuta e à intervenção no contexto da clínica, o que favorece seu desenvolvimento como profissional e o prepara para sua atuação futura (MACÊDO; SOUZA; LIMA, 2018).

O exercício da prática profissional no contexto da clínica é uma vivência que os acadêmicos de Psicologia experienciam no estágio clínico (SEI; PAIVA, 2011). Os estágios com supervisão em atendimento clínico promovem, além do desenvolvimento de habilidades e competências do aluno de Psicologia, o fortalecimento do fundamento teórico e a conduta ética na postura do estudante. Este é um momento fundamental entre a formação acadêmica e a atuação profissional (BARRETO; BARLETTA, 2010).

O ensino de habilidades do estagiário para o atendimento clínico é possibilitado por um ambiente no qual ele pode contar com a supervisão de um profissional psicólogo que irá lhe auxiliar no desenvolvimento de capacidades que lhe permitirão realizar o estágio com mais segurança (SEI; PAIVA, 2011). O papel do supervisor é primordial neste processo, para além do favorecer o conhecimento e a apropriação de técnicas e teorias, o supervisor precisa estabelecer uma relação de confiança com os alunos, para que estes compartilhem suas dúvidas, erros e questionamentos, e, com isso, desenvolvam a segurança necessária para a realização dos atendimentos (BARBOSA; LAURENTI; SILVA, 2013).

Para a inserção do aluno no campo de estágio e o desempenho de suas atividades é preciso que este receba orientações e acompanhamento do professor supervisor. O contato com a prática e o aprendizado proporcionado pela supervisão são privilégios possibilitados pelo estágio supervisionado e representam um importante elemento na formação do psicólogo (CELLA; SEHNEM, 2017). Diante das angústias e inseguranças dos estagiários, frequentemente durante as experiências de estágio clínico, o supervisor desempenha também uma função de terapeuta ao discutir, clarificar e ressignificar os medos que acompanham os alunos em seu início na prática clínica (SEI; PAIVA, 2011).

Por meio dos estágios supervisionados é possível que a formação em Psicologia tenha uma articulação entre a teoria e a prática. Através da supervisão o estudante pode colocar em prática os conhecimentos obtidos em sala de aula e trazer suas dúvidas e anseios quanto ao atendimento realizado (SEI; PAIVA, 2011). Os desenvolvimentos de estágios clínicos são fundamentais na formação do psicólogo e requerem discussão e participação coletiva, no intuito de qualificar a formação do psicólogo no Brasil (CFP, 2018). Diante destas questões, este estudo teve como objetivo compreender as experiências de acadêmicos de Psicologia sobre o estágio clínico em dois Serviços-Escola de Psicologia do Sul do país.

METODOLOGIA

A presente pesquisa configura-se como um estudo exploratório e descritivo, de natureza qualitativa. Participaram do estudo 14 estudantes estagiários de Psicologia do sétimo, oitavo, nono e décimo semestres, de duas Instituições de Ensino Superior (IES) do Sul do país, uma privada e a outra pública. Os critérios de inclusão para a participação no estudo foram: o estagiário já ter realizado atendimento clínico por pelo menos um semestre no Serviço-Escola de Psicologia da IES, aceitar participar da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa seguiu todas as normas da Resolução 466/12, que regulamenta as pesquisas com seres humanos, e sua realização foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IELUSC em agosto de 2018, sob o Parecer número 2.795.215.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado de auto aplicação individual com questões relacionadas à experiência do estágio clínico e ao processo de supervisão. Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo com o estabelecimento de categorias e subcategorias, estas emergiram da análise das respostas dos questionários, não houve, portanto, o estabelecimento de categorias *a priori*.

Inicialmente, foi contatada a coordenação de ambos os SEs para explicação do estudo e posterior solicitação de autorização da sua realização. As coordenações

Revista Labor, Fortaleza/CE, Jan/Jun 2019 nº 21, Vol. 01, pp. 56-75 ISSN 1983-5000

disponibilizaram aos pesquisadores a relação de e-mails dos estagiários que se encaixavam nos critérios de inclusão do estudo. Após, foi enviado um e-mail para cada estagiário explicando a pesquisa, incluindo os aspectos éticos envolvidos, e fazendo o convite para a participação.

A coleta de dados se deu de maneira diferenciada na IES pública e na privada, em função da organização própria de cada uma. Na pública foram deixados envelopes na recepção do SE, cada um contendo um questionário e duas vias do TCLE, estando ambas previamente assinadas pelas pesquisadoras responsáveis, e um lacre, para que o estagiário vedasse o envelope após respondê-lo. Na data agendada foram recolhidos os questionários respondidos neste SE. Na IES privada foi possível agendar as aplicações individualmente com cada aluno, em um ambiente separado provido pela instituição. Porém, nos dois casos houve autopreenchimento dos instrumentos pelo próprio participante e todos ficaram com uma via assinada do TCLE.

Caracterização dos participantes

Participaram da pesquisa 14 estudantes estagiários de dois SEs de Psicologia de duas IES, uma privada e uma pública, do Sul do Brasil. A idade variou entre 19 e 31 anos e houve predominância do sexo feminino (n=11). Os estudantes estavam regularmente matriculados nas IES a partir do sétimo semestre. Todos participantes tinham realizado estágio clínico no SE por, no mínimo, um semestre. Dos 14 participantes, oito atendiam a dois semestres, cinco por um semestre e um atendia por três semestres.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Da análise de conteúdo das respostas emergiram quatro categorias e suas respectivas subcategorias. A primeira categoria se refere à forma que o supervisor auxilia nos atendimentos, a segunda trata dos desafios que os alunos encontraram em seu primeiro atendimento no SE, a terceira descreve a experiência do primeiro atendimento e a quarta elucida as dificuldades no processo do atendimento. No intuito de facilitar a apresentação dos resultados, cada categoria será apresentada pelo seu respectivo quadro ou tabela, seguida de análise e discussão.

Quadro 01 – Tipo de auxílio do supervisor nos atendimentos

Categoria 1	Subcategorias	Instituição Pública	Instituição Privada	Frequência Total
De que forma o supervisor auxilia nos atendimentos	Com a indicação de literatura	4	4	8
	Com a indicação de técnicas	5	2	7
	Com o planejamento do próximo atendimento	3	2	5
	Com o levantamento de hipóteses e reflexão sobre cada caso	3	1	4
	Com uma escuta qualificada	1	2	3
	Com a supervisão dos casos	1	1	2
	Com a troca de experiências	1	1	2
	Com a correção dos relatórios	1	-	1
	Com o manejo de ansiedade do estagiário	-	1	1

Fonte: dados da própria pesquisa.

A primeira categoria considera a importância da supervisão no processo de formação do psicólogo. Essa categoria foi subdividida em nove subcategorias, a primeira delas “com indicação de leitura” obteve o maior número de menções, tendo o conteúdo citado por oito participantes, quatro deles da IES privada e quatro da pública. A segunda subcategoria “com a indicação de técnicas”, teve sete menções, sendo cinco de acadêmicos da instituição pública e dois da privada. Estas subcategorias elucidam que, para os participantes, a principal forma de orientação do supervisor é a indicação de leituras e técnicas, conforme pode ser verificado na resposta dos participantes a seguir: “Se mostra muito aberto a ajudar, compartilha/indica textos para leitura” (P2. “Propondo técnicas e materiais” (P13).

São muitos os desafios que compõem a formação do psicólogo para que este seja capaz de atuar em diferentes contextos e realidades, o supervisor desempenha uma importante função nesse processo (CFP, 2018). Dentre os recursos oferecidos no decorrer da formação e, especificamente, no processo de supervisão, os participantes deste estudo destacaram a indicação de leituras e de técnicas como o principal auxílio na supervisão. A leitura também foi valorizada pelos alunos participantes do estudo de Barletta e Fonsêca (2012), que afirmaram que a leitura representava a principal estratégia para o aperfeiçoamento enquanto psicoterapeutas.

Assim como a indicação de leituras, para os participantes deste estudo, a indicação de técnicas foi apontada como função relevante do supervisor. Em consonância com este dado, os participantes da pesquisa de Barletta e Fonsêca (2012) afirmaram que durante a supervisão deve-se dar mais ênfase no treino de técnicas e utilização de exemplos práticos. Considerando a importância da formação teórica para o psicólogo, a supervisão do estágio clínico deve

orientar os acadêmicos com leituras apropriadas, assim como possibilitar o conhecimento de protocolos específicos, enfatizando sempre a postura ética do profissional (BARLETTA; FONSÊCA; DELABRIDA, 2012).

A indicação de técnicas e literatura pelo supervisor como um importante auxílio nos atendimentos também foi discutida por Sá, Junior e Leite (2010), que, com base em suas experiências enquanto supervisores, identificaram a importância das leituras e discussões teóricas na supervisão para a preparação do estagiário. É importante que a graduação em Psicologia ofereça para o aluno uma formação consistente, com base teórica-metodológica condizente com a realidade da profissão (CFP, 2018).

Assim, para além dos aspectos teóricos e técnicos, que emergiram enquanto principais aspectos a serem trabalhados pelo supervisor no presente trabalho, dimensões relacionadas à preparação pessoal do estagiário permeiam o processo e devem ser motivo de atenção e cuidado pelo supervisor. A supervisão envolve também o planejamento do próximo atendimento e esta foi a terceira subcategoria com maior número de menções neste estudo, três alunos da IES pública citaram esse aspecto e dois da privada. Tal dado caracteriza a supervisão como um momento de organização e estruturação prévias, conforme pode ser observado nas afirmações dos participantes a seguir: “Auxílio no desenvolvimento e organização dos próximos atendimentos” (P6). “Também auxiliando no planejamento dos encontros futuros” (P8)

Em consonância com esta questão, Cella e Sehnem (2017) afirmam que umas das primeiras lições que o aluno aprende no estágio é planejar suas ações e lidar com as situações imprevisíveis do atendimento clínico. Da mesma forma, em seu estudo Sá, Junior e Leite (2010), verificaram que a imprevisibilidade do próximo atendimento gerava sentimentos de ansiedade e preocupação nos alunos, e por isso a supervisão cumpria uma importante função ao possibilitar um espaço para os alunos verbalizarem suas dúvidas, ansiedades e inseguranças.

Tavora (2002) reforça a importância da supervisão para a o planejamento e preparação dos alunos para os atendimentos que serão realizados durante o estágio e para a formação do futuro psicoterapeuta. Corroborando com esta ideia, os estagiários que participaram do estudo de Barletta e Fonsêca (2012) salientaram a necessidade de a supervisão ser um momento para planejar a próxima sessão. Ao encontro desta perspectiva, o estudo de Barreto e Barletta (2010) identificou que os próprios supervisores concordavam que a supervisão deveria possibilitar o planejamento e a organização das sessões.

A quarta subcategoria mais frequente deste estudo se refere ao levantamento de hipóteses e à reflexão sobre cada caso. Os participantes fizeram quatro menções que

compuseram esta subcategoria, três eram da IES pública e uma da privada. Assim, prevaleceu entre os alunos da IES pública a ênfase no levantamento de hipóteses e reflexões sobre o caso como função da supervisão. Um dos participantes deixou claro este auxílio: “Auxilia no levantamento de hipóteses” (P5).

Esta subcategoria se relaciona às três anteriores na medida que se admite a importância do levantamento de hipóteses para o planejamento e a organização dos próximos atendimentos. Nesta direção, em uma análise documental de avaliações de alunos sobre o processo de supervisão, Barletta e Fonsêca (2012) identificaram que os alunos consideraram que a discussão de caso em supervisão era a melhor maneira de ajudá-los a compreender seus usuários, porque pelas reflexões originadas nestes debates era possível levantar hipóteses, pensar nas intervenções, nos protocolos e nas técnicas a serem utilizados.

O aluno tem a percepção de que a presença do supervisor no processo do estágio clínico é essencial e do papel de mediador entre usuário e aluno que este desempenha, proporcionando uma compreensão mais clara do caso atendido (BARBOSA; LAURENTI; SILVA, 2013). A discussão de casos e a troca de experiências propiciadas pela supervisão contribui para que o aluno desenvolva o raciocínio clínico e a autorreflexão (BARLETTA; FONSECA, 2012). Santos (2016) complementa que é preciso haver empatia do supervisor para que este processo seja facilitado.

A quinta subcategoria diz que o supervisor pode auxiliar “com uma escuta qualificada”, três participantes fizeram alusão a este conteúdo em suas respostas, um da IES pública e dois da privada. Já a sexta subcategoria, “com a supervisão dos casos”, e a sétima “com a troca de experiências” tiveram ambas duas citações, com um participante de cada IES. A oitava subcategoria, “com a correção dos relatórios”, foi citada uma vez por um participante da IES pública e a última, “com o manejo de ansiedade do estagiário”, foi citada por apenas um participante da IES privada. Tais categorias sustentam que o processo de supervisão envolve preparo teórico, metodológico e postura empática do supervisor.

Chama a atenção o fato de que temas importantes para a formação do psicólogo (CFP, 2018) como escuta qualificada (MACÊDO; SOUZA; LIMA, 2018), troca de experiências e manejo da ansiedade do estagiário, tenham sido pouco enfatizados pelos participantes deste estudo, tendo se sobressaído temas mais direcionados para a preparação do aluno para o atendimento em si, e não necessariamente para a sua formação ampliada e integral. Por outro lado, a supervisão de casos e a própria menção à troca de experiências se relacionam a outras subcategorias mais frequentes que abordam de forma mais específica a relação do supervisor e estagiário e o impacto do processo de supervisão na formação profissional do

psicólogo. Guaragni e Chaves (2017) reforçam que o diálogo entre supervisor e aluno é fundamental para que o estagiário esteja melhor preparado e ofereça um atendimento de qualidade para o usuário, ao mesmo tempo em que qualifica sua formação profissional.

Quadro 02 – Maior desafio no primeiro atendimento no Serviço-Escola

Categoria 2	Subcategorias	Instituição Pública	Instituição Privada	Frequência Total
Maior desafio no primeiro atendimento no Serviço-Escola	Expectativas do estagiário e insegurança	4	5	9
	Ter habilidade para conduzir a sessão	3	3	6
	Conciliar a teoria com a prática	1	1	2
	Pouco suporte do supervisor	1	1	2
	Pouca preparação e base teórica para o atendimento	-	2	2
	Conseguir um atendimento	-	1	1

Fonte: dados da própria pesquisa.

A segunda categoria deste estudo refere-se aos desafios que os alunos encontraram em seu primeiro atendimento no Serviço-Escola. A subcategoria mais citada foi “expectativas do estagiário e insegurança”. No total houve nove menções, quatro de participantes da IES pública e cinco da privada, que constituíram esta subcategoria. A fala do participante a seguir expressa este desafio: “Talvez a própria insegurança de ser o primeiro atendimento, ou mesmo as próprias expectativas sobre esse momento” (P11)

Sentimentos e expectativas de conotações diversas surgem durante o processo de estágio. O aluno, que até então estava em um processo apenas teórico de aprendizagem de conceitos e técnicas, agora vivencia um momento de transição, assumindo também um papel prático. Monteiro e Nunes (2008) destacam que diante deste novo papel o aluno vive estados de insegurança, que são próprios da inexperiência e do conteúdo imaginário acerca do trabalho do psicólogo, e desenvolve expectativas.

Neste momento, a figura do supervisor/professor é muito importante, pois este profissional atua como continente de apoio, acolhendo as angústias e ajudando na formação da identidade profissional do estagiário. Machado (2010) também afirma que a experiência inicial na clínica é marcada por sentimentos de angústias e inseguranças, e reforça a necessidade do acolhimento do supervisor. Estes sentimentos podem trazer implicações no contato com o

usuário, como expressam Paparelli e Nogueira-Martins (2007, p.72), ao trazerem os resultados de sua pesquisa com estagiários plantonistas de Psicologia:

O medo e a insegurança incidiram no contato inicial com o paciente, associados à fantasia sobre “quem seria esse paciente”, pelo receio que o aluno tinha de se perder, não sabendo como e quando falar, pelo temor de se confundir e não discriminar aquilo que seria seu com o que seria do paciente, pelo medo de se emocionar, de errar e de ser avaliado.

Assim, entende-se que a insegurança é um sentimento recorrente entre os estagiários e, até certo ponto, retrata uma preocupação saudável com sua atuação frente aos usuários e uma aceitação da responsabilidade inerente ao atendimento clínico. Através da elaboração destes sentimentos e do enfrentamento das limitações da sua atuação o aluno criará sua identidade profissional. O medo diante do inesperado pode impulsioná-lo a procurar um embasamento teórico consistente.

O processo inicial do atendimento clínico é cercado por preocupações e inseguranças do aluno em relação ao seu desempenho durante o atendimento, tais sentimentos são frequentes e marcam a inserção do aluno no contexto da clínica. Machado (2010) destaca a importância desta fase inicial na formação do psicoterapeuta, o autor afirma que na Psicologia cada terapeuta constrói sua trajetória de forma singular. Contudo, é importante que no início desta trajetória o aluno esteja amparado, sendo orientado pelo olhar do supervisor enquanto mediador do fazer clínico.

A segunda subcategoria trata da preocupação do aluno de ter habilidades suficientes para conduzir a sessão. Nela entraram seis menções, sendo três de cada IES, o que demonstra que esta preocupação era vivenciada pelos estagiários, independente da IES. A fala de um participante revela sua preocupação: “Maior desafio é saber como conduzir a sessão nesse primeiro contato” (P11).

Corroborando com os achados do presente estudo, na pesquisa de Araújo e Boaz (2013) os estagiários relataram sentir medo de errar na condução dos atendimentos. Também Paparelli e Nogueira-Martins (2007), a partir de grupos focais realizados com estagiários de um plantão psicológico de uma universidade particular de São Paulo, evidenciaram que o medo do aluno de perder-se no atendimento e de não saber o que dizer ao usuário, eram preocupações frequentes.

O estudo de Aguirre (2000) traz reflexões sobre a primeira experiência clínica do aluno e traz resultados semelhantes aos aqui apresentados. O estudo identificou que a insegurança sentida pelos estagiários era, principalmente, em relação à sua atuação frente ao

usuário, além do medo de serem criticados pelo supervisor ou pelos colegas. Diante disso, o autor destacou a necessidade de o supervisor tentar reduzir a ansiedade do aluno, preparando-o para lidar com a insegurança que marca o início do estágio clínico. Entende-se, assim, que manejar sentimentos próprios em relação a sua eficiência enquanto psicoterapeuta e à responsabilidade dos atendimentos também demanda um acompanhamento próximo do supervisor.

Ainda sobre os desafios relacionados ao primeiro atendimento, dois participantes, um de cada IES, expuseram a complexidade de conciliar a teoria com a prática, representando a terceira subcategoria com mais menções. Fica claro na fala dos participantes a seguir o desafio que constitui esta articulação: “Conciliar a teoria com a prática” (P1). “Sair de uma experiência extremamente teórica...sem ter tido uma mínima experiência prática” (P10)

Estes dados elucidam uma das principais dificuldades encontradas na formação do psicólogo, que é associar teoria e prática. Esta realidade também foi sugerida por Cury (2013), em seu estudo sobre a importância dos estágios curriculares na formação do psicólogo. O autor verificou que a dificuldade da interlocução entre teoria e prática se dá, principalmente, pela fragmentação dos estágios. A vivência do estágio por um curto período de duração não possibilita a aquisição da experiência necessária para que o aprendizado se consolide. Santos e Nobrega (2017), em seu estudo com seis estudantes de Psicologia, corroboram esta preocupação afirmando que a baixa carga horária, assim como as limitações do próprio campo de estágio, dificultava o aproveitamento pleno do estágio pelo aluno.

A articulação da teoria com a prática tem como premissa básica a interlocução do supervisor. Sugere-se aqui, porém, que este acompanhamento, para que o aluno seja capaz de elaborar uma postura crítica frente às realidades sociais em que se movimentam e se constituem seus usuários, precisa ser instigador, no sentido de provocar a desconstrução de mitos e perspectivas cristalizadas sobre o trabalho do psicólogo e sobre o sofrimento humano, na direção do que dizem Paparelli e Nogueira-Martins (2007, p. 65), no contexto de sua pesquisa com estagiários de um plantão psicológico:

Os resultados mostram que a inserção do graduando no plantão psicológico trouxe desilusões e rupturas das certezas instituídas nos fazeres e saberes do trabalho psicológico, o que contribuiu para uma nova construção na maneira de olhar para antigas questões e legitimar a necessidade de revisão e questionamento de nossas práticas cotidianas, contextualizadas na realidade de nossas populações.

O pouco suporte do supervisor também foi citado duas vezes, por um participante de cada IES, e corresponde à quarta subcategoria. Considerando a importância da supervisão para o aluno que inicia sua prática clínica, chama a atenção a seguinte fala: “Não ter muita preparação e suporte por parte dos supervisores, pois estão atarefados demais” (P8)

A sobrecarga de trabalho do supervisor aparece na fala do participante oito como justificativa para o pouco suporte, impondo limitações da supervisão. Tal dado elucida que, se por um lado pode haver baixa carga horária para execução do estágio pelo aluno, por outro, para o professor parece haver excesso de atividades para a sua carga horária de trabalho.

O estudo de Barreto e Barletta (2010) identificou que o pouco tempo de supervisão prejudicava o acompanhamento dos estagiários no processo do atendimento clínico, não sendo possível que o profissional acompanhasse diretamente o andamento dos atendimentos. Em contraponto, Santos (2016), ao investigar as características de um “mau supervisor”, descobriu que este não parecia disposto a ajudar o estagiário, não disponibilizando informações, não acompanhando e não orientando o aluno. Algumas vezes estes supervisores desrespeitavam as dificuldades dos orientandos e não conseguiam estabelecer uma relação que possibilitasse o aprendizado dos alunos. Tais dados demonstram a complexidade que envolve o processo de supervisão e sua importância na formação profissional do psicólogo.

A quinta subcategoria, “pouca preparação e base teórica para o atendimento”, foi uma queixa exclusiva dos alunos da IES privada de ensino, com menções feitas por dois participantes. Um deles enfatizou o sentimento de despreparo para o atendimento clínico: “Pois são poucas as matérias que abordam o atendimento clínico, e não nos preparam na totalidade do que é a clínica realmente” (P6)

A percepção de não estar suficientemente preparados, teórica e metodologicamente, para o atendimento clínico foi uma realidade para dois participantes deste estudo e indica que pode haver, de fato, uma limitação no embasamento teórico durante a formação, ou mesmo uma dificuldade do aluno em transpor o conhecimento teórico obtido em diferentes disciplinas para o contexto da clínica. Indo ao encontro destes achados, o estudo de Ribeiro, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2008) verificou que alunos que realizavam psicodiagnósticos sentiam-se despreparados quanto a sua atuação no campo de estágio. Na pesquisa de Paparelli e Nogueira-Martins (2007, p. 73) os resultados evidenciaram que “o preparo teórico e a estrutura curricular do curso, com disciplinas de pré-requisito e com enfoque na comunidade, foram considerados facilitadores para o processo de aprendizagem”. Como propostas para o fortalecimento da apropriação teórica dos alunos, Tavora (2002) destaca a importância de a supervisão possibilitar

o preparo do aluno por meio de vivências, estudos de textos, exercícios, discussão e dramatização dos casos.

A sexta subcategoria, “conseguir um atendimento”, teve apenas uma menção, de um participante da IES privada. Este fator pode estar relacionado com a dificuldade em conciliar o horário de atendimento, considerando a realidade de trabalho vivenciada pelos alunos da IES privada de ensino. Além disso, havendo lista de espera para o atendimento, é possível que ao ser chamado para o atendimento a pessoa não tenha mais interesse e/ou disponibilidade na vaga.

Quadro 03 – Descrição da experiência do primeiro atendimento

Categoria 3	Subcategorias	Instituição Pública	Instituição Privada	Frequência Total
Descrição da experiência do primeiro atendimento	Positiva	2	3	5
	Desafiadora	3	-	3
	Ansiedade	-	2	2
	Confusa	2	-	2
	Inexperiência	-	1	1
	Única	-	1	1

Fonte: dados da própria pesquisa.

Na terceira categoria, que se refere à descrição do estagiário sobre sua experiência no primeiro atendimento realizado no Serviço-Escola, foi possível identificar seis subcategorias, elencadas no Quadro 02. A subcategoria mais frequente foi a que classificou a experiência como “positiva”, sendo citada cinco vezes, duas vezes pelos estudantes da IES pública e três pelos da privada.

No trabalho de Barbosa, Laurenti e Silva (2013), em que foram entrevistados 21 estagiários de Psicologia que atuavam na área clínica, percepções positivas emergiram em relação ao estágio na forma de diferentes acepções: a) o estágio era percebido como uma maneira de tornar concreto o conhecimento teórico adquirido nas disciplinas; b) ele permitia a comprovação da fidedignidade das relações que a teoria proporcionou, ou ainda a resignificação destas e, c) o estágio era percebido como um momento de provação, de constatar se o conteúdo aprendido provia suporte suficiente para a prática. Neste sentido, pode-se pensar que a entrada no estágio clínico pode ser percebida positivamente por representar um avanço do aluno, em relação às etapas anteriores, bem como uma espécie de compensação e de legitimação da dedicação dada às disciplinas teóricas antecedentes.

A segunda subcategoria, que classificou a experiência do estágio clínico como “desafiadora”, teve três menções, feitas somente pelos estudantes da IES pública. O estágio é uma atividade que proporciona crescimento, nele os estudantes se veem diante de desafios, tomando consciência das condições de trabalho, bem como de suas limitações (SANTOS; NÓBREGA, 2017). Estes desafios encontrados no atendimento clínico auxiliam o estudante, pois é através de seus erros e acertos que ele vai, aos poucos, desenvolvendo sua identidade profissional. Estes desafios também tiram o estudante de sua zona de conforto, fazendo com que seja necessário relembrar conteúdos aprendidos em sala de aula (TAVORA, 2002; GUARAGNI; CHAVES, 2017). Assim, considerar o estágio clínico como desafiante implica em reconhecer sua importância para a formação acadêmica e sua atuação profissional futura, mas também a grandeza da responsabilidade do aluno que conduzirá atendimentos clínicos com usuários reais.

O sentimento de “ansiedade” como experiência no primeiro atendimento apareceu na fala de dois estagiários da IES pública. Tavora (2002) esclarece que o primeiro atendimento é marcado por uma inquietação interna do estudante, pois ele está organizando seu conhecimento teórico para atender o paciente. Esse primeiro atendimento é marcado por uma ansiedade e um nervosismo que iniciam antes da sessão e cessam ao compartilhar suas dúvidas com o supervisor e com colegas de estágio. Sei e Paiva (2011) contribuem afirmando que o supervisor exerce papel fundamental para manejar os sentimentos de angústia, ansiedade e medo que os estagiários podem apresentar durante o início da prática clínica. Esta subcategoria relaciona-se intimamente com os sentimentos de insegurança relatados pelos participantes na categoria que elencou os maiores desafios no primeiro atendimento nos SEs.

Dois participantes da IES privada classificaram o primeiro atendimento como uma experiência “confusa”. Este aspecto também foi verificado no estudo de estudo de Silva, Coelho e Pontes (2017), que examinou a importância do estágio supervisionado para os estudantes do curso de Psicologia, e identificou que a experiência do estágio era um momento em que as confusões e dificuldades do estagiário apareciam. Estas questões eram, então, esclarecidas na supervisão. Esse processo proporcionava crescimento para o estagiário e também para o usuário, já que seu atendimento era constantemente reavaliado.

Houve duas subcategorias que emergiram apenas no relato dos participantes da IES privada, ‘inexperiência’ e ‘única’, que expressam, na sequência, a novidade que caracteriza o evento e a singularidade que o contrapõe às demais experiências da formação acadêmica. Observando as quatro primeiras subcategorias, sugere-se que a experiência em relação ao primeiro atendimento é distinta quanto ao tipo de IES, havendo uma leve tendência dos alunos

da IES privada a classificá-la de forma mais positiva, com palavras como ‘positiva’ e ‘única’; enquanto que para os da pública, a maior parte considerou a experiência ‘desafiadora’ e ‘confusa’. Isso pode decorrer das especificidades na formação em cada IES, bem como de questões relacionadas ao perfil do aluno. Porém, considerando a totalidade, observa-se que, para a maioria dos participantes, a vivência do primeiro atendimento foi positiva, da mesma forma, este é um momento visto como desafiador e permeado de sentimentos de ansiedade.

Quadro 04- Dificuldades no processo do atendimento

Categoria 4	Subcategorias	Instituição Pública	Instituição Privada	Frequência Total
Dificuldades no processo do atendimento	Falta e desistência de usuários	1	3	4
	Frustração e ansiedade do estagiário	2	2	4
	Comunicação e vínculo com o usuário	3	1	4
	Fatores relacionados à intervenção e condução do atendimento	2	1	3
	Fatores relacionados à supervisão	1	1	2

Fonte: dados da própria pesquisa.

A quarta categoria se refere às dificuldades no processo do atendimento, sendo que as três primeiras subcategorias tiveram número igual de menções, com quatro participantes cada, demonstrando assim uma convergência nas respostas relacionadas a tais dificuldades. A primeira subcategoria descrita corresponde à falta e à desistência de usuários, dos quatro participantes que mencionaram este conteúdo, um é aluno da IES pública e os três da privada, evidenciando que essa dificuldade foi mais acentuada na IES privada. O relato de um participante elucida a realidade vivenciada por estes estagiários no que se refere à desistência dos usuários: “O paciente veio uma vez ao atendimento e desistiu” (P07).

As situações de interrupção ou abandono do processo terapêutico estão associadas a diversos fatores, como características dos usuários, do terapeuta, da técnica e do *setting* de trabalho (BENETTI; CUNHA, 2008). Mantovani, Marturano e Silves (2010), ao pesquisarem sobre os fatores de risco e as taxas de desistência e abandono em uma Clínica-Escola, observaram que o prolongado tempo de espera pode ter sido um fator contribuinte para a desistência. Já no estudo de Maravieski e Serralta (2011) não houve diferença significativa do tempo de espera e usuários que desistiram e não desistiram do tratamento. Estes resultados mostram que os motivos de desistência de usuários precisam ser investigados na particularidade

de cada SE. A desistência ou falta dos usuários no atendimento frequentemente acaba por gerar sentimentos de frustração no estagiário.

A “frustração e ansiedade do estagiário” foi a segunda subcategoria descrita, com duas menções de participantes da IES pública e duas da privada, demonstrando que tais sentimentos são equivalentes para alunos de ambas as IES. Os relatos a seguir exemplificam a experiência de frustração e ansiedade como parte do processo: “Tive de lidar com minhas frustrações e com o medo” (P02). “Tive muita dificuldade em encontrar um equilíbrio entre a necessidade de intervenção e minha ansiedade em realizar a intervenção” (P14).

Os dados deste estudo convergem com os resultados encontrados em outras pesquisas. Barbosa, Laurenti e Silva (2013) também identificaram a frustração na experiência de estagiar do estudante. Os autores destacaram que, no esforço de atender as exigências de um novo papel, o estagiário perdia a espontaneidade na relação que mantinha com o usuário, apresentando um grau considerável de frustração. Ribeiro, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2008), também identificaram a presença de ansiedade nos estagiários que participaram do seu estudo. Santos e Nobrega (2017) salientam que, em alguns casos, a ansiedade acomete o estagiário por este sentir-se inseguro em relação a como conduzir o atendimento.

A terceira subcategoria elucida a dificuldade de comunicação e vínculo com o usuário, este fato foi também mencionado por quatro participantes, sendo três da IES pública, dado que demonstra que tal dificuldade parece ser mais recorrente entre os estagiários desta IES. A limitação mencionada pelos estagiários para o estabelecimento de vínculo ficou clara quando o participante 13, ao ser questionado sobre as dificuldades enfrentadas no atendimento clínico, respondeu: “Vinculação com o paciente” (P13).

O vínculo é um elemento essencial para o bom desenvolvimento de um atendimento clínico e para a consequente obtenção de resultados positivos, de modo que a dificuldade apresentada por estes participantes elucida a necessidade de a formação fortalecer nos alunos a habilidade de estabelecer essa aliança. Sakamoto (2011) chama a atenção para o fato de que os fatores relacionados ao usuário, desde a história pessoal até o vínculo estabelecido com o psicoterapeuta, são elementos que direcionam as necessidades do usuário e projetam as coordenadas potenciais à ação interpretativa e criativa do terapeuta.

A quarta subcategoria com maior número de menções relativas às dificuldades foi “fatores relacionados à intervenção e à condução do atendimento”. Houve menções de três participantes, sendo dois da IES pública e um da privada. Um dos participantes relatou, inclusive, a dificuldade de conduzir o atendimento quando a demanda apresentada pelo usuário era familiar à experiência pessoal do estagiário: “Acho que minha maior dificuldade até agora

é me perceber/identificar com algumas demandas [...]. E também como conduziria sessões nas quais houveram essas situações” (P11).

A identificação do estagiário com a demanda apresentada pelo usuário aparece aqui como uma dificuldade a ser superada e traz à tona a necessidade de o aluno ser capaz de conduzir a sessão e intervir adequadamente, apesar das dificuldades encontradas. Nesta direção, Sá, Júnior e Leite (2010) afirmam que a experiência do estágio clínico muitas vezes é permeada por sentimento de insegurança em relação ao preparo científico para a intervenção e à impotência frente a demandas atendidas.

No estudo realizado por Honda e Yoshida (2012), que teve como objetivo avaliar mudanças em usuários atendidos em clínicas-escola e compreender quais os fatores que influenciavam os resultados das psicoterapias, os autores verificaram que a relação entre estagiário e usuário constituía um fator determinante para o alcance de resultados positivos no atendimento clínico, elucidando assim a necessidade do manejo de possíveis identificações e da importância de uma relação terapêutica que favoreça o processo.

Outros dois participantes deste estudo mencionaram a dificuldade para intervir corretamente durante a sessão e de retomar conteúdos importantes nas sessões seguintes, tais dados demonstram o desafio que constitui o processo interventivo no atendimento clínico. Neste sentido, é primordial que o aluno desenvolva, durante seu processo de formação, a habilidade da escuta e a capacidade para intervir (MACÊDO; SOUZA; LIMA, 2018). A capacidade de intervir é um dos requisitos básicos da atuação do profissional psicólogo e faz parte dos eixos estruturantes que regem a formação em Psicologia. Espera-se que o profissional seja capaz de intervir em processos psicológicos e psicossociais (CFP, 2018). Enquanto aluno, espera-se que o estagiário seja capaz de confirmar ou negar um diagnóstico e saiba intervir de forma efetiva (SÁ; JÚNIOR; LEITE, 2010).

A subcategoria “fatores relacionados à supervisão” teve duas menções, uma na IES pública e outra na privada. Esta dificuldade esteve relacionada às características da supervisão, como sua organização em encontros quinzenais, e também à troca de supervisor. O papel da supervisão é de essencial importância na formação do psicólogo, a relação que o supervisor estabelece com o estagiário e a potência do processo de ensino aprendizagem que ocorre na supervisão possibilitam que o aluno se desenvolva enquanto profissional (GUARAGNI; CHAVES, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender as experiências de acadêmicos de Psicologia sobre o estágio clínico em dois Serviços-Escola de Psicologia do Sul do país. Os resultados demonstraram que a experiência do atendimento clínico foi bastante significativa para os participantes deste estudo, tendo sido marcada, frequentemente, por incertezas e desafios a serem superados. Nesse sentido, a supervisão foi indicada como um auxílio fundamental na preparação do estagiário, seja pela indicação de leituras, pela articulação de técnicas no planejamento das sessões ou pelo levantamento de hipóteses e reflexões sobre cada caso.

Além disso, a supervisão oferece para o estagiário um lugar de escuta e elaboração das inseguranças que permeiam o estágio clínico. Porém, uma visão integrativa dos resultados revela que, apesar de considerarem a experiência do estágio clínico desafiadora, e a essência deste desafio estar na insegurança e na expectativa do estagiário, os participantes pouco esperavam que estas dimensões pessoais fossem foco de cuidado e atenção por parte do supervisor. Este distanciamento da função de acolhimento e escuta das frustrações, ansiedades e medos do estagiário pelo supervisor, desnudam um conhecimento limitado dos estagiários sobre as possibilidades de auxílio do supervisor, que não se resume a aspectos técnicos e teóricos. Nessa direção, aspectos importantes, que podem influenciar tanto na sessão com os usuários, quanto na formação do estudante e na sua identificação com o contexto clínico, podem deixar de serem abordados e elaborados.

A primeira experiência do atendimento clínico foi indicada como uma experiência desafiadora, em função das expectativas, inseguranças e dúvidas do estagiário em relação a sua própria habilidade para conduzir a sessão. Ainda assim, a maioria dos participantes descreveu a experiência do primeiro atendimento como positiva. Estes dados elucidam a complexidade e a dualidade que envolvem o estágio clínico, especialmente no início. O estagiário demonstra ciência da responsabilidade com que se depara ao atender um usuário e, nesse processo, se enfrenta a necessidade de administrar seus sentimentos antagônicos.

Os participantes relataram a vivência de diversas dificuldades nos atendimentos, dentre elas emergiram as faltas e as desistências dos usuários, os sentimentos de frustração e ansiedade do próprio estagiário, as dificuldades na comunicação e no estabelecimento de vínculos com os usuários e as dificuldades na intervenção e na condução das sessões em si. Tais dados remetem à relevância que a supervisão exerce nesse momento da vida acadêmica do aluno, uma vez que na nesta relação o supervisor deve oferecer suporte, acompanhamento e preparação do aluno para que ele possa lidar com essas e outras dificuldades inerentes à clínica.

Os resultados deste estudo indicaram que a experiência do estágio clínico foi predominantemente semelhante entre os alunos de ambas IES investigadas, entretanto, algumas diferenças foram verificadas. No que concerne à supervisão, o auxílio do supervisor indicando técnicas esteve mais presente no relato dos alunos da IES pública, já em relação à experiência do primeiro atendimento, alunos das duas IES avaliaram a experiência como positiva, mas apenas os alunos da IES pública afirmaram que o atendimento foi desafiador e confuso, e apenas os alunos da IES privada atribuíram sentimento de ansiedade a esta experiência. Entre as dificuldades encontradas no processo do atendimento, chama a atenção o fato de que as faltas e desistências dos usuários foram uma realidade mais frequente entre os alunos da IES privada, por outro lado, a dificuldade de comunicação e vínculo com o usuário foi maior entre os alunos da IES pública. Os alunos de ambas as instituições compartilham sentimentos, expectativas e inseguranças, entretanto, diferentes realidades marcam o processo de estágio e formação de cada um.

A formação do psicólogo requer o desenvolvimento de diversas habilidades e o estágio é a oportunidade para o aluno desenvolvê-las e entrar em contato com a realidade prática da profissão, é quando o aluno consegue associar o conhecimento teórico adquirido durante a graduação com a prática profissional. No estágio clínico esse contato com a prática pode ser acompanhado por sentimentos de ansiedade e insegurança e a supervisão representa um elemento fundamental na preparação do aluno para ao atendimento e para sua formação de maneira integral.

O presente estudo identificou aspectos que marcam a experiência do estágio clínico para estudantes de Psicologia, tais dados são importantes para pensar a formação em Psicologia e sua eficácia em preparar suficientemente o aluno para o estágio clínico, contemplando as necessidades e demandas dos estagiários neste contexto. Embora a amostra de participantes tenha sido reduzida, os dados encontrados contribuem para a reflexão sobre a formação e do profissional do psicólogo e da relação supervisão/estagiário. Porém, considera-se o tamanho da amostra uma limitação do presente estudo. Sugere-se a realização de outras pesquisas com maior número de participantes e de outras IES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, A. M. de. B. A primeira experiência clínica dos alunos: ansiedades e fantasia presentes no atendimento e supervisão. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 2, n. 1, p. 3-31, 2000.

ARAÚJO, L. N. P.; BOAZ, C. Sentimentos sobre as primeiras práticas do estagiário na clínica. **Revista Psicologia em Foco**, v. 5, n. 6, p. 40-47, 2013.

BARBOSA, F. D.; LAURENTI, M. A.; SILVA, M. M. Significados do estágio em psicologia clínica: percepções do aluno. **Encontro: Revista de Psicologia**, v. 16, n. 25, p.31-53, 2013.

BARLETTA, J. B.; FONSÊCA, A. L. B. Avaliação do processo supervisionado como norteador do ensino de psicoterapia: reflexões sobre a vivência prática. **Revista de Psicologia da IMED**, v.4, n.1, p. 671-680, 2012.

BARLETTA, J. B.; FONSÊCA, A. L. B.; DELABRIDA, Z. N. C. A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 14, n. 3, p. 153-167, 2012.

BARRETO, M. C.; BARLETTA, J. B. A supervisão de estágio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando. **Cadernos de Graduação, Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 12, n. 12, 2010.

BENETTI, S. P. C.; CUNHA, T. R. S. Abandono de tratamento psicoterápico: implicações para a prática clínica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 2, 2008.

BOLSONI-SILVA, A. T.; PRETTE, A. D. Problemas de comportamento: um panorama da área. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 5, n. 2, p. 91-103, 2003.

CELLA, M.; SEHNEM, S. B. Percepção que os acadêmicos do curso de Psicologia da UNOESC possuem em relação ao estágio. **Pesquisa em Psicologia**, p. 157-170, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Ano da Formação em Psicologia 2018: Revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia**. Brasília: CFP, 2018.

CURY, B. de. M. Reflexões sobre a formação do psicólogo no Brasil: a importância dos estágios curriculares. **Psicologia em Revista**, v. 19. n. 1, p. 149-152, 2013.

GUARAGNI, C.; CHAVES, A. G. C. R. Estágio supervisionado: uma pesquisa com estudantes de psicologia. **Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 9, n. 3, p. 96-111, 2017.

HONDA, G. C.; YOSHIDA, E. M. P. Mudança em pacientes de clínica-escola: avaliação de resultados e processos. **Paideia**, v. 22, n. 51, p. 73-82, 2012.

MACÊDO, S.; SOUZA, G. W.; LIMA, M. B. A. Oficina de desenvolvimento da escuta: prática clínica na formação em psicologia. **Phenomenological Studies**, v. 24, n.2, p.123-133, 2018.

MACHADO, R. L. O caminho inicial de uma jovem terapeuta diante dos desafios do manejo da transferência: vivências contratransferenciais à luz da clínica winnicottiana. **Winnicott e-prints**, v. 5, n. 1, p. 1-17, 2010.

MANTOVANI, C. C. P.; MARTURANO, E. M.; SILVARES, E. F. M. Abandono do atendimento em uma clínica-escola de psicologia infantil: variáveis associadas. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 3, p. 527-535, 2010.

- MARAVIESKI, S.; SERRALTA, F. B. Características clínicas e sociodemográficas da clientela atendida em uma clínica-escola de Psicologia. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 2, p. 481-490, 2011.
- OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R. de.; NUNES, M. L. T. Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado. **Psico-USF**, v. 13, n. 2, p. 287-296, 2008.
- PAPARELLI, R. B.; NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F. Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 27, n. 1, p. 64-79, 2007.
- RIBEIRO, D. P. S. A.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira entrevista clínica. **Revista Aletheia**, n. 28, p. 135-145, 2008.
- SÁ, R. N de.; JUNIOR, O. A.; LEITE, T. L. Reflexões Fenomenológicas sobre a experiência de estágio e supervisão em um serviço de psicologia aplicada universitário. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 16, n. 2, p. 135-140, 2010.
- SANTOS, A. D.; NOBREGA, D. O. da. Dores e delícias de ser estagiária: o estágio na formação de psicologia. **Psicologia, Ciência & Profissão**, v. 37, n. 2, p. 515-528, 2017.
- SANTOS, C. S. O. **Supervisão Clínica: levantamento de opiniões**. 2016. 69f. Monografia (Licenciatura em Fala Terapêutica). Faculdade de Ciências da Saúde. Universidade Fernando Pessoa. Porto, Portugal. 2016.
- SANTOS, A. C.; NÓBREGA, D. O. Dores e delícias em ser estagiária na formação em psicologia. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, p. 515-528, 2017.
- SANTOS, C. S.; FREITAS, M. L. S.; RODRIGUES, V. D. Perfil dos pacientes atendidos no setor de psicologia em uma clínica-escola. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, v. 19, n. 202, 2015.
- SAKAMOTO, C. K. Clínica psicológica: o manejo do setting e o potencial criativo. **Boletim de Psicologia**, v. 11, n. 135, p. 149-157, 2011.
- SEI, M. B.; PAIVA, M. L. S. C. Grupo de supervisão em Psicologia e a função de holding do supervisor. **Psicologia: Ensino e Formação**, v. 2, n. 1, p. 9-20, 2011.
- SILVA, J. A. P.; COELHO, M. T. A. D.; PONTES, S. A. Psicanálise e universidade: a experiência do estágio em psicologia clínica com orientação psicanalítica. **Psicologia, Diversidade e Saúde**, v.6, n. 1, p. 44-49, 2017.
- TAVORA, M. T. Um modelo de supervisão clínica na formação do estudante de psicologia: A experiência da UFC. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 1, p. 121-130, 2002.
- WERNECK, V. H. **Sobre a Clínica-Escola de Psicologia do UniCEUB, caracterização dos serviços e clientes – ano 2003**. Monografia (Graduação em Psicologia) – UniCEUB – Centro Universitário de Brasília. Brasília, p. 43. 2005.